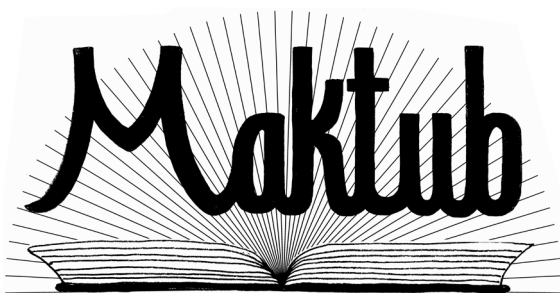


“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,  
que recorremos a Vós.” Amém.

Paulo Coelho



pa  
ra  
le  
la

Outros títulos do autor Paulo Coelho:

*O alquimista*

*Brida*

*A bruxa de Portobello*

*O diário de um mago*

*A espiã*

*Manual do guerreiro da luz*

*Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei*

*Onze minutos*

*Veronika decide morrer*

Copyright © 1994 by Paulo Coelho  
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,  
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Coelho, Paulo,

Maktub / Paulo Coelho. — 1ª ed. — São Paulo :  
Paralela, 2018.

ISBN 978-85-8439-071-7

1. Contos brasileiros I. Título.

17-03841

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br)

[facebook.com/editoraparela](https://facebook.com/editoraparela)

[instagram.com/editoraparela](https://instagram.com/editoraparela)

[twitter.com/editoraparela](https://twitter.com/editoraparela)

Para Nhá Chica, Patrícia Casé,  
Edinho e Alcino Leite Neto

*Graças te dou, ó Pai, porque ocultaste estas coisas  
dos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.*

Lucas 10,21

## Antes de começar

*Maktub* não é um livro de conselhos, mas uma troca de experiências.

Grande parte é composta de ensinamentos de meu mestre, no decorrer de onze longos anos de convivência. Outros textos são relatos de amigos, ou pessoas com quem cruzei uma vez — mas me deixaram uma mensagem inesquecível. Finalmente, existem livros que li e as histórias que — como diz o jesuíta Anthony Mello — pertencem à herança espiritual da raça humana.

*Maktub* nasceu de um telefonema de Alcino Leite Neto, então diretor do caderno “Ilustrada” na *Folha de S. Paulo*. Eu estava nos Estados Unidos e recebi a proposta sem saber exatamente o que ia escrever. Mas o desafio era estimulante, e resolvi ir em frente; viver é correr riscos.

Ao ver o trabalho que dava, quase desisti. Além do mais, como precisava viajar para a promoção de meus livros no exterior, a coluna diária virou um tormento. Entretanto, os sinais me diziam que continuasse: uma carta de leitor chegava, um amigo fazia um comentário, alguém me mostrava os recortes guardados na carteira.

Lentamente, fui aprendendo a ser objetivo e direto no texto. Fui obrigado a fazer releituras que sempre adiei, e o prazer deste reencontro foi imenso.

Comecei a anotar com mais cuidado as palavras de meu mestre. Enfim, passei a olhar tudo que acontecia à minha volta como um motivo para escrever *Maktub* — e isto me enriqueceu de tal maneira que hoje sou grato por esta tarefa diária.

Selecionei, neste volume, textos publicados na *Folha de S. Paulo* entre 10 de junho de 1993 e 11 de junho de 1994. As colunas sobre o guerreiro da luz não fazem parte deste livro: foram publicadas em *O manual do guerreiro da luz*.

Ao prefaciар um de seus livros de histórias, Anthony Mello comenta: “Minha tarefa foi apenas a de tecelão; não tenho o mérito do algodão e da linha”.

Nem eu, tampouco.

PAULO COELHO

*O viajante está sentado no meio do mato, olhando uma casa humilde à sua frente. Já esteve ali antes, com alguns amigos, e na época tudo que conseguira notar foi a semelhança entre o estilo da casa e o de um arquiteto galego — que viveu há muitos anos, e jamais colocara os pés naquele local.*

*A casa fica perto de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, e é toda construída com cacos de vidro. Seu dono, Gabriel, sonhou em 1899 com um anjo que lhe dizia: “Constrói uma casa de cacos”. Gabriel começou a colecionar ladrilhos quebrados, pratos, bibelôs e jarras partidas. “Tudo caquinho transformado em beleza”, dizia Gabriel de seu trabalho. Durante os primeiros quarenta anos, os moradores locais afirmavam que era louco. Depois, alguns turistas descobriram a casa e começaram a trazer os amigos; Gabriel virou gênio. Mas a novidade passou — e Gabriel voltou ao anonimato. Mesmo assim, continuou construindo; aos 93 anos de idade, colocou o último caco de vidro. E morreu.*

*O viajante acende um cigarro; fuma em silêncio. Hoje não está pensando na semelhança entre a casa de Gabriel e a arquitetura de A. Gaudí. Olha os cacos, reflete sobre sua própria existência. Também ela — como a de qualquer pessoa — é feita de*



*pedaços de tudo que se passou. Mas, em determinado momento, estes fragmentos começam a tomar forma.*

*E o viajante relembra um pouco do seu passado, vendo os papéis em seu colo. Ali estão pedaços de sua vida; situações que viveu, trechos de livros que sempre recorda, ensinamentos do seu mestre, histórias dos amigos, fábulas que algum dia lhe contaram. Ali estão reflexões sobre o seu tempo e sobre os sonhos de sua geração.*

*Da mesma maneira que um homem sonhou com um anjo e construiu a casa que está diante de seus olhos, ele tenta ordenar estes papéis — para compreender sua própria construção espiritual. Lembra-se de que, quando criança, leu um livro de Malba Tahan chamado Maktub! e pensa:*

*“Será que eu devia fazer o mesmo?”*

**D**iz o mestre:

*Quando pressentimos que chegou a hora de mudar, começamos — inconscientemente — a repassar um tape mostrando nossas derrotas até aquele momento.*

*É claro que, à medida que ficamos mais velhos, nossa cota de momentos difíceis é maior. Mas, ao mesmo tempo, a experiência nos deu meios de superar estas derrotas e encontrar o caminho que permite seguir adiante. É preciso também colocar esta fita em nosso videocassete mental.*

*Se só assistimos ao tape da derrota, vamos ficar paralisados. Se só assistimos ao tape da experiência, vamos terminar nos julgando mais sábios do que realmente somos.*

*Precisamos das duas fitas.*

*Imagine uma lagarta. Passa grande parte de sua vida no chão, olhando os pássaros, indignada com seu destino e com sua forma. “Sou a mais desprezível das criaturas”, pensa. “Feia, repulsiva, condenada a rastejar pela terra.”*

*Um dia, entretanto, a Natureza pede que faça um casulo. A lagarta se assusta — jamais fizera um casulo antes. Pensa que está construindo seu túmulo e prepara-se para morrer. Embora indignada com a vida que levou até então, reclama novamente com Deus.*

*“Quando finalmente me acostumei, o Senhor me tira o pouco que tenho.”*

*Desesperada, tranca-se no casulo e aguarda o fim.*

*Alguns dias depois, vê-se transformada numa linda borboleta. Pode passear pelos céus e ser admirada pelos homens. Surpreende-se com o sentido da vida e com os desígnios de Deus.*

*Um estranho procurou o abade Pastor no mosteiro de Sceta.*

*— Quero melhorar minha vida — disse ele. — Mas não consigo deixar de pensar em coisas pecaminosas.*

*O abade Pastor reparou que ventava lá fora e pediu ao estranho:*

*— Aqui está muito quente. Será que o senhor podia pegar um pouco de vento lá fora e trazê-lo para refrescar a sala?*

*— Isto é impossível — disse o estranho.*

*— Da mesma maneira, é impossível deixar de pensar em coisas que ofendem a Deus — respondeu o abade. — Mas, se você souber dizer não às tentações, elas não vão lhe causar nenhum mal.*

*Diz o mestre:*

*Se existe alguma decisão a ser tomada, é melhor ir adiante e aguentar as consequências. Você não vai saber de antemão quais serão estas consequências.*

*Todas as artes divinatórias foram feitas para aconselhar o homem, jamais para prever o futuro. São excelentes conselheiras e péssimas profetisas.*

*Diz a oração que Jesus nos ensinou: “Seja feita a Vossa Vontade”. Quando esta Vontade mostra um problema, traz junto a solução.*

*Se as artes divinatórias conseguissem ver o futuro, todo adivinho seria rico, casado e feliz.*

**O** discípulo se aproximou do mestre:

— Durante anos busquei a iluminação — disse. — Sinto que estou perto. Quero saber qual o próximo passo.

— E como você se sustenta? — pergunta o mestre.

— Ainda não aprendi a me sustentar; meu pai e minha mãe me ajudam. Entretanto, isto são apenas detalhes.

— O próximo passo é olhar o sol por meio minuto — disse o mestre.

O discípulo obedeceu.

Quando acabou, o mestre pediu que descrevesse o campo à sua volta.

— Não consigo vê-lo, o brilho do sol ofuscou meus olhos — respondeu o discípulo.

— Um homem que apenas busca a luz, e deixa suas responsabilidades para os outros, termina sem encontrar a iluminação. Um homem que mantém os olhos fixos no sol termina cego — comentou o mestre.

*Um homem caminhava por um vale dos Pireneus quando encontrou um velho pastor. Dividiu com ele seu alimento, e ficaram um longo tempo conversando sobre a vida.*

*O homem dizia que, se acreditasse em Deus, teria que acreditar também que não era livre, já que Deus governaria cada passo.*

*O pastor então o levou até um desfiladeiro, onde se podia escutar — com toda nitidez — o eco de qualquer ruído.*

*— A vida são estas paredes, e o destino é o grito de cada um — disse o pastor. — Aquilo que fizermos será levado até o coração Dele, e nos será devolvido da mesma forma.*

*“Deus costuma agir como o eco de nossas ações.”*

**M**aktub quer dizer “está escrito”. Para os árabes, “está escrito” não é a melhor tradução — porque, embora tudo já esteja escrito, Deus é misericordioso, e só gastou sua caneta e sua tinta para nos ajudar.

O viajante está em Nova York. Acordou tarde para um encontro e, quando desce, descobre que seu carro foi rebocado pela polícia.

Chega depois da hora, o almoço se prolonga mais do que o necessário, ele pensa na multa — irá custar uma fortuna. De repente, lembra-se da nota de um dólar que encontrou no dia anterior. Estabelece uma relação louca entre aquela nota e o que aconteceu de manhã. “Quem sabe eu peguei a nota antes que a pessoa certa a encontrasse? Quem sabe tirei aquele dólar do caminho de alguém que estava precisando? Quem sabe interferei no que estava escrito?”

Precisava livrar-se dela — e neste momento vê um mendigo sentado no chão. Entrega rapidamente o dólar.

— Um momento — diz o mendigo. — Sou um poeta, quero pagar com uma poesia.

— A mais curta, porque estou com pressa — responde o viajante.

O mendigo diz:

— Se você continua vivo, é porque ainda não chegou aonde devia.